

CONSTRUÇÃO E RESGATE DA MEMÓRIA AFRO-BRASILEIRA A PARTIR DA PERSONAGEM MARIA-NOVA, DO ROMANCE *BECOS DA MEMÓRIA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Mara Meysy Pereira de Oliveira
Cícera Antoniele Cajazeiras da Silva

Resumo

O presente estudo apresenta uma análise do romance *Becos da memória* da escritora brasileira contemporânea Conceição Evaristo, publicado pela primeira vez em 2006. Esta pesquisa tem como objetivo analisar como ocorre a construção e o resgate da memória afro-brasileira, por meio da caracterização da personagem Maria-Nova. A partir desta análise foi possível identificar a importância que o processo de rememoração traz para a reafirmação e o resgate de traços da memória coletiva e individual, contribuindo para forjar a construção da identidade da personagem Maria-Nova. Assim, nesta pesquisa de caráter bibliográfico, também evidenciamos a construção de uma narrativa que expõe um cotidiano opressivo e marginalizado, ancorado na noção de “escrevivência”, suscitada por Evaristo, que emerge de um lugar de subalternidade múltipla (*mulher, negra, doméstica*). Como aporte teórico, o estudo apoiou-se em autores como Cuti (2010), Evaristo (2009), Duarte (2010), Dalcastagnè (2012), entre outros. Ao fim da pesquisa, tornou-se notório o quanto a figura da menina Maria-Nova foi moldada por cada memória revelada, culminando na formação de uma mulher com identidade própria, afluída pela criticidade e pelo anseio de tornar-se uma porta-voz dos seus.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; Escrevivência; Memória.

Abstract

The present study presents an analysis of the novel *Becos da memory* by the contemporary Brazilian writer Conceição Evaristo, published for the first time in 2006. This research aims to analyze how the construction and recovery of Afro-Brazilian memory occurs, through the characterization of the character Maria Nova. From this analysis it was possible to identify the importance that the process of remembrance brings to the reaffirmation and rescue of traces of collective and individual memory, contributing to forging the construction of the identity of the character Maria-Nova. Thus, in this bibliographical research, we also highlight the construction of a narrative that exposes an oppressive and marginalized daily life, anchored in the notion of “writing”, raised by Evaristo, which emerges from a place of multiple subalternity (woman, black, domestic). As a theoretical contribution, the study was supported by authors such as Cuti (2010), Evaristo (2009), Duarte (2010), Dalcastagnè (2012), among others. At the end of the research, it became clear how much the figure of the girl Maria-Nova was shaped by each memory revealed, culminating in the formation of a woman with her own identity, touched by criticism and the desire to become a spokesperson of their.

Keywords: Afro-Brazilian literature; Writing; Memory.

1. INTRODUÇÃO

No que tange à literatura brasileira contemporânea, é notório o quanto produções de cunho representativo e crítico têm ganhado destaque no que diz respeito ao fazer literário¹. As novas vozes que surgem nesse campo instituem um discurso que interliga ficção e realidade e, por isso, revelam, na maioria das vezes, um cotidiano opressivo, a começar pela contestação do direito de fala, tão seletivo nesse ambiente. É por pensar assim, que a presente pesquisa se volta para um dos grandes nomes da criação literária atual, focalizando nossos estudos nos temas, personagens e na escrevivência da escritora Conceição Evaristo.

Sua escrita surge com a capacidade de escancarar de forma nua e crua as diversas formas de opressão que são vivenciadas rotineiramente por pessoas negras, seus dramas e aflições, em especial, aqueles que são marginalizados pela sociedade. Cada personagem construído por Evaristo em suas obras, tem sua história de luta, de tristeza, e insatisfação que acaba por refletir, através de problemas sociais graves e vigentes, como o racismo estrutural e o preconceito que fazem com que a cor da pele limita quem você é, e até onde pode chegar. Dessa maneira, a autora nos direciona a reflexões sobre privilégios de uns em detrimentos das dores de outros.

São questões dessa natureza que justificam a escolha pelo trabalho com o romance *Becos da memória* nesse artigo. No qual buscamos analisar como ocorre a construção e o regaste da memória afro-brasileira a partir da caracterização da personagem Maria-Nova, o romance em questão expõe o cotidiano de pessoas que residem em uma favela, a qual está passando por um processo de desocupação que inquieta os moradores e os fazem questionar sobre seus direitos, seu lugar de pertencimento, e suas vozes que sempre e a todo momento são silenciadas pela opressão, invisibilidade e o descaso de autoridades governamentais em não os proporcionar melhores condições de vida.

Todo o enredo do romance é pautado e entrelaçado pelo fio condutor da memória, sendo ele o caminho pelo qual Maria-Nova andarà em busca de conhecer um pouco sobre a história de sua ancestralidade, assim como também as infelicidades e sofrimentos vivenciados pelos seus, não só no dia a dia da favela, mas também no decorrer de toda uma vida de negação, abandono e maus tratos. A favela é o palco central da narrativa de Evaristo, é

¹ Dentre essas criações destacam-se as obras de Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Jeferson Tenório e entre outros.

através dela que se desdobram os acontecimentos principais do romance, é sobre cada beco e barraco que estão amontoados os momentos felizes e de acolhimento partilhados em comunidade, assim como as dores agora sentidas, diante da destruição dos seus lares e em certa medida dos laços fraternos ali construídos.

É nesse aspecto que Maria-Nova se propõe a escrever, uma vez que embora não existam mais barracos em pé para contar a história, ainda assim ela não será silenciada, muito pelo contrário, será transcrita por meio de cada relato colhido, de cada angústia compartilhada e em especial das histórias de lutas e resistências que agora encontram-se gravadas na memória e no coração da narradora.

Para dar cabo dessas questões, o artigo estrutura-se da seguinte forma: primeiro buscamos analisar como a construção e o regaste da memória afro-brasileira estão presentes na obra *Becos da memória*, a partir da caracterização da personagem Maria-Nova. Para tanto, apoiamo-nos teoricamente em autores como Cuti (2010), Evaristo (2009), Duarte (2010) entre outros, os quais serviram de embasamento teórico e crítico para tratarmos do conceito de memória em si, e de como a memória afro-brasileira é constituída ao ponto de tornar-se um ato de resistência. Mais adiante, no tópico referente à análise, apresentamos os três pontos que serviram para nortear o nosso propósito de estudo, sendo eles: i) a memória como fio condutor da narração de Maria-Nova; ii) a ressignificação da favela enquanto lar; e iii) a representatividade da escrevivência. Por fim, trataremos uma sessão de considerações finais na qual concluiremos o desenvolvimento da análise.

2. Literatura brasileira contemporânea como contestação e resistência

A literatura brasileira contemporânea vem se constituindo como um espaço, permeado por disputas e reivindicações, em prol do rompimento com discursos hegemônicos aos quais durante anos a literatura ficou reservada. Daí, o surgimento de novas vozes, especificamente, de grupos marginalizados que ecoam, almejando legitimar seu direito de fala, de poder contar suas próprias histórias e assim fazerem parte do meio artístico e literário, buscando um lugar de representatividade, valorização e direito perante a sociedade brasileira.

A favor desta pertinente discussão, Regina Dalcastagnè (2005) realizou uma pesquisa que, segundo ela, nasce do desconforto causado pela constatação da ausência de dois grandes grupos na literatura brasileira contemporânea, os pobres e os negros. Essa pesquisa compreendeu 14 anos – 1990 a 2004 – e analisou 258 romances publicados pelas três maiores

editoras do país: Companhia das Letras, Record e Rocco. A pesquisa realizada identificou 165 autores diferentes, sendo que 72,7%, ou seja, 120 do total são homens; 60% vivem no Sudeste, mais precisamente, em São Paulo e no Rio de Janeiro, enquanto que a região norte e a nordeste juntas não ultrapassam os 6%. Em relação ao recorte racial, a disparidade é ainda maior, sendo 90% do total de autores e autoras brancos (Dalcastagnè, 2005).

Assim, nota-se a dominância de um perfil comum na literatura. No entanto, não é somente nesse âmbito que eles são predominantes. Barossi (2017) afirma que heróis que se constituem também como mitos da história são quase todos homens e brancos. Além disso, esse aspecto é notado em outros espaços como no parlamento, na política, na mídia e no ambiente acadêmico (Dalcastagnè, 2005).

Dalcastagnè (2005) enfatiza que não há, no campo literário brasileiro, uma pluralidade de perspectivas sociais, visto que as obras são produzidas, majoritariamente, pela ótica dominante:

[...] mulheres e homens, trabalhadores e patrões, velhos e moços, negros e brancos, portadores ou não de deficiências, moradores do campo e da cidade, homossexuais e heterossexuais, umbandistas e católicos vão ver e expressar o mundo de diferentes maneiras. Mesmo que outros possam ser sensíveis a seus problemas e solidários, nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, verão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente. (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 19).

Com isso, a pesquisadora afirma que a inclusão de diversas vozes na literatura não é um “mero eco de modismos acadêmicos”, mas se justifica por pelo menos dois motivos: o primeiro é o de que a diversidade de vozes na literatura repercute no debate político; o segundo considera que essa inclusão leva ao reconhecimento de múltiplas expressões de grupos culturais subalternos. Nessa perspectiva, Barossi (2017) indica que existe uma urgência na abertura de espaços na literatura para vozes silenciadas e marcadas por resquícios de colonialismo e escravidão, que estiveram sempre longe do cânone.

Atualmente, esses espaços vêm sendo reivindicados aos poucos, como afirma Dalcastagnè (2012), no texto: *Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais*, ressaltando o quanto autores e críticos têm se movimentado na cena literária em busca de falar com legitimidade e de legitimar aquele que fala. Apesar disso, a autora destaca que esses espaços ainda são marcados por disputas hierárquicas violentas que definem quem pode ocupar certos espaços, inclusive quem escreve literatura. O rompimento da manutenção dessas posições, então, leva a vozes consideradas como “não autorizadas”, como a dos subalternos, que, não dispostos a ficarem em seu “devido lugar”, contestam a posição de conforto daqueles que querem manter seu espaço homogeneizado, o que gera tensão e conflito (DALCASTAGNÈ, p. 13, 2012).

Esse rompimento da homogeneidade é gerado pela movimentação de causas sociais, como a adesão de autoras que emergem de contextos de exclusão, da pobreza e da desigualdade social, como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus², que se identificam como negras e expressam emoções massacradas, silenciadas e oprimidas por muitos séculos (SALGUEIRO, 2020). A inclusão dessas mulheres traz novas perspectivas para a literatura, o que proporciona a expressão de experiências, resistências e vivências de pessoas negras sob o ponto de vista do próprio negro, como destaca o conceito de escrevivência de Evaristo (2009).

Essas autoras integram a literatura contemporânea afro-brasileira. Conforme Duarte (2010), a literatura afro-brasileira é constituída por alguns fatores importantes como autoria, temática e ponto de vista, mas ainda está envolta em muitas problemáticas no que tange à conceituação e ao posicionamento na literatura de modo geral. Apesar disso, os autores e autoras afro-brasileiros se engajam no sentido de legitimar suas atuações na cultura e evidenciar que a situação de exclusão acontece tanto no universo letrado quanto na civilização da qual fazem parte, atentando-se para produzir e edificar “uma escrita que os represente”, enquanto ser individual e coletivo. As passagens que se seguem, enfatizam a noção dessa literatura nas palavras desse autor:

Uma literatura empenhada, sim, mas num projeto suplementar (no sentido derridiano) ao da literatura brasileira canônica: o de edificar uma escritura que seja não apenas a expressão dos afrodescendentes enquanto agentes de cultura e de arte, mas que aponte o etnocentrismo que os exclui do mundo das letras e da própria civilização. Daí seu caráter muitas vezes marginal, porque fundado na diferença que questiona e abala a trajetória progressiva e linear de nossa história literária. (DUARTE, 2010, p.23).

No subtópico seguinte, serão discutidos alguns elementos da literatura afro-brasileira contemporânea e duas autoras brasileiras que se destacam.

2.1 A literatura afro-brasileira

Como dito anteriormente, Duarte (2008), destaca que a literatura afro-brasileira é composta por alguns fatores, como a autoria, o público, a temática e o ponto de vista. Quanto à autoria, segundo ele, é necessário que sejam considerados fatores propriamente biográficos ou fenotípicos, mas também deve haver um movimento contrário a uma “literatura negra de autoria branca” que leva a literatura afro-brasileira ao posto de mera temática (DUARTE,

² Carolina Maria de Jesus nasceu em 14 de março de 1914 e veio a falecer em 13 de fevereiro de 1977, foi uma importante escritora, que se destacou na literatura brasileira a partir da publicação de seu livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, em 1960.

2008, p. 14). Em relação ao público, conforme o autor, as obras devem ser produzidas e direcionadas não apenas para atingir um determinado segmento da população, mas também para fazer do escritor um porta-voz de uma determinada coletividade. Assim, os reflexos deste estudo para a sociedade possibilita que os leitores tomem contato com a diversidade dessas produções, além de dialogarem com o horizonte de expectativas do leitor, combatendo o preconceito e inibindo a discriminação (DUARTE, 2008).

No que se refere à temática, Duarte (2008) afirma que a literatura negra deve ser considerada como “literatura afro-brasileira”, denominação que ainda ocupa uma posição suplementar na literatura nacional. Segundo o mesmo, essa literatura deve ser instrumento para temas que vão desde a contestação e a denúncia acerca da escravidão e de suas consequências, até a glorificação de heróis como Zumbi de Palmares e também no tratamento sobre mitos e tradições religiosas/culturais, assim como no enfoque de temas contemporâneos, como o subúrbio, a favela e a posição de subalternidade:

Um dos fatores que ajuda a configurar o pertencimento de um texto à Literatura Afro-Brasileira situa-se na temática. Esta pode contemplar o resgate da história do povo negro na diáspora brasileira, passando pela denúncia da escravidão e de suas consequências ou ir até à glorificação de heróis como Zumbi e Ganga Zumba. [...] A temática negra abarca ainda as tradições culturais ou religiosas transplantadas para o Brasil, destacando a riqueza dos mitos, lendas e de todo um imaginário circunscrito muitas vezes à oralidade. (DUARTE, 2008, p.13)

Acerca dessas temáticas, são expoentes autoras como Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, que falam de uma posição de dupla exclusão social, a de mulheres negras e da caracterização dos seus espaços de vivência: a favela, o subúrbio, a pobreza.

Além disso, outro aspecto mencionado por Duarte na caracterização da literatura afro-brasileira é o ponto de vista, que se aproxima do conceito de *escrevivência*, criado por Evaristo, o qual é capaz de mesclar a escrita sob a perspectiva de um *corpo-mulher-negra em vivência* e tem como imagem todo um processo histórico que as africanas e suas descendentes escravizadas no Brasil passaram. Sendo assim, expressam a vivência sob um ponto de vista pessoal e também coletivo (SILVA e CARDOSO, 2019, *apud* EVARISTO, 2009).

Como espírito coletivo, Evaristo (2007) ressalta que o ato de escrever rompe com o lugar de subordinação em que são alocadas pessoas oriundas de espaços de subalternidade. Segundo ela, enquanto o ato de ler oferece a apreensão do mundo; o de escrever posiciona sujeitos no mundo. Sendo assim, quando é empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, o ato de escrever adquire o status de insubordinação:

Sendo as mulheres negras invisibilizadas, não só pelas páginas da história oficial brasileira, mas também pela literatura, e quando se tornam objetos da segunda, na maioria das vezes, surgem ficcionalizadas a partir de estereótipos vários, para as escritoras negras cabem vários cuidados. Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra (EVARISTO, 2005, p.6).

Além do coletivo, a escrita de Evaristo também é individual, visto que, quando constrói uma personagem que atua como doméstica, por exemplo, a autora se autoconstrói, em termos ficcionais, constrói sua mãe, sua irmã e pessoas do seu convívio, que trabalhavam como domésticas para famílias de Belo Horizonte, onde a autora nasceu. Desse modo, ela atribui ao seu texto o estatuto da escrevivência, mostrando a compreensão da literatura pelos gestos da vida (SILVA e CARDOSO, 2019).

Assim, Conceição Evaristo é vista como um expoente para essa literatura que envolve autores, temáticas e pontos de vista específicos. Evaristo afirma que sua produção é influenciada pelo acúmulo de suas vivências e mesmo quando escreve suas narrativas ficcionais, está traçando o seu plano de escrevivência:

A gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo de palavras, das histórias que habitavam nossa casa e adjacências. Dos fatos contados a meia voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. [...] De olhos cerrados, eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro (EVARISTO, 2007, p. 19).

Além de Conceição, outra autora que se destaca na literatura afro-brasileira é Carolina Maria de Jesus, que foi a primeira mulher negra, pobre, mãe solteira e semi-analfabeta a publicar uma autobiografia, aos 46 anos. Por meio da escrita da autora, revela-se a miséria de sua comunidade que era, até então, invisível para a sociedade (França, 2015).

De acordo com Barossi (2017), Carolina reivindica seu lugar de pertencimento à literatura e denuncia a sua posição marginal por meio de temas contemporâneos como a favela, a pobreza e a posição de subalternidade. Os episódios de denúncia social podem ser observados em trechos de *Quarto de despejo* (1993, p. 17): “Vou escrever um livro referente à favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem”.

Na escrita de Carolina, também se evidencia a escrevivência por meio de temas como a fome e a sua rotina como catadora:

11 DE MAIO – Dia das Mães. [...] Ontem eu ganhei metade de uma cabeça de porco no Frigorífico. Comemos a carne e guardei os ossos. E hoje pus os ossos para ferver. [...] Os meus filhos estão sempre com fome. Quando eles passam muita fome eles não são exigentes no paladar (JESUS, 1993, p.26)

15 de julho de 1955 – Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios impede a realização dos nossos desejos. Atualmente, somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar (JESUS, 1993, p. 11).

Com isso, percebe-se que autoras como Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo “têm a potência de colocar em relevo essas narrativas antes desconsideradas e fazer com que sejam ouvidas as perspectivas de vozes até então apagadas da história.” Conforme Barossi (2017), essa é uma maneira de compreender, ao mesmo tempo em que se produz novas maneiras de existir. Além disso, suas narrativas trazem o negro como sujeito/protagonista e desnaturalizam a forma como eles vinham sendo representados na literatura enquanto objeto sexual, marginal, inferior, animalesco (PITAS, 2019).

Quando a escrita de pessoas negras é manifestada em forma de resistência, a partir da qual pessoas discriminadas reivindicam seu espaço socialmente, padrões de exclusão são quebrados, ainda que essa batalha seja travada por muito tempo para que consigam algum avanço diante de um contexto social de racismo e de silenciamento. Mesmo que com muita luta, essas vozes de pessoas negras, que buscam contar suas histórias e eternizar suas memórias em textos repletos de genialidade e qualidade, transformam a existência de muitas outras pessoas que veem que a sua história pode ser contada também, ultrapassando obstáculos criados por sujeitos preconceituosos para que pessoas negras não pudessem ocupar lugares como o meio de escrita literária do Brasil.

Nesse sentido, Cuti (2010) enfatiza que as conquistas da população negro-brasileira sofre apagamento pela predominância do poder de pessoas brancas, que ainda dominam diversos ambientes sociais.

Se as conquistas da população negro-brasileira são minimizadas é porque o propósito de um Brasil exclusivamente branco continua sobrepujando as mentes que comandam a nação nas diversas instâncias do poder. Os maiores problemas que o país enfrenta hoje foram plantados ontem, e seus cultivadores deixaram uma legião de descendentes e seguidores (CUTI, 2010, p.13).

Sendo assim, esse propósito de um Brasil centrado no branco, que é um retrato de anos de história de um país construído em cima da exploração do povo negro, vem sendo repetido em dias atuais por ter uma base sólida, através do preconceito e da violência que nunca cessaram sobre pessoas negras. Ainda que as pessoas escravizadas tenham passado pela abolição, não existiu liberdade, pois, não se é livre quando não se têm direitos assegurados sobre qualidade de vida, quando não se é reconhecido como cidadão, quando não

há reparação histórica diante de séculos de opressão sofrida fisicamente e estruturalmente pela população negra do Brasil.

A literatura negro-brasileira, portanto, pode ser visualizada como o espaço em que essas pessoas podem contar a sua própria história, mostrando que ainda existem muitas situações de violência contra o seu povo, mas que também há muita força, inteligência e vontade de ocupar os lugares que também são seus por direito, ambientes sociais dos quais pessoas negras não podem ser excluídas, como é o da escrita, atividade que revela a importância de *vozes* como a de Evaristo, que traz o poder da sua *voz* literária compartilhada com o poder da *voz* de tantas outras pessoas representadas em *Becos da memória*.

As histórias contadas em *Becos da memória* (2006) representam ocorrências que são vivenciadas por pessoas negras, por pessoas que vivem à margem da sociedade; retirar essas pessoas do lugar onde construíram sua vida mostra a desvalorização que é direcionada a elas, por tudo que viveram não importar para quem está no poder, para quem pode escolher para onde destiná-las. Assim, como exemplar da literatura negro-brasileira, esse romance cumpre o papel de representar as vivências do povo negro-brasileiro, expondo a importância representativa de contar as suas próprias histórias, sem influência externas, em um propósito de reconhecimento do fazer literário autêntico de pessoas negras do país.

Para Cuti (2010), essa literatura vem do que se formou fora da África, de pessoas trazidas para o país, mas que, ao mesmo tempo, é repleta de características únicas brasileiras, por abordar situações de lutas do povo negro no Brasil:

A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa brancura que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer (CUTI, 2010, p.42).

“Nessa discussão, o autor defende que até mesmo o termo “negro” reflete esses processos de luta, por esse tipo de literatura não se limitar à escrita de pessoas brancas sobre a população negra, ao não se reduzir à escrita de uma “pretensa brancura” que tratava sobre assuntos como negros e indígenas somente para se fortalecer, sem dar o devido valor a essas culturas distintas da sua.” Nesse sentido, Cuti (2010) enfatiza que as conquistas da população negro-brasileira sofrem apagamento pela predominância do poder de pessoas brancas, que ainda dominam diversos ambientes sociais:

Se as conquistas da população negro-brasileira são minimizadas é porque o propósito de um Brasil exclusivamente branco continua sobrepujando as mentes que comandam a nação nas diversas instâncias do poder. Os maiores problemas que o

país enfrenta hoje foram plantados ontem, e seus cultivadores deixaram uma legião de descendentes e seguidores (CUTI, 2010, p.13).

Sendo assim, esse propósito de um Brasil centrado no branco, que é um retrato de anos de História de um país construído em cima da exploração do povo negro, vem sendo repetido em dias atuais por ter uma base sólida, através do preconceito e da violência que nunca cessaram sobre pessoas negras. Ainda que as pessoas escravizadas tenham passado pela abolição, não existiu liberdade, pois, não se é livre quando não se têm direitos assegurados sobre qualidade de vida, quando não se é reconhecido como cidadão, quando não há reparação histórica diante de séculos de opressão sofrida fisicamente e estruturalmente pela população negra do Brasil. Assim sendo, essa literatura vem do que se formou fora da África, de pessoas trazidas para o país, mas que ao mesmo tempo é repleta de características únicas brasileiras, por abordar situações de luta nacionais:

A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa brancura que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. (Cuti, 2010, p.42).

Nessa discussão, o autor defende que até mesmo o termo "negro" expõe esse processo de luta, por esse tipo de literatura não se limitar à escrita de pessoas brancas sobre a população negra, ao não se reduzir à escrita de uma "pretensa brancura" que tratava sobre assuntos como negros e indígenas somente para se fortalecer, sem dar o devido valor a essas culturas distintas da sua.

Outro ponto importante discutido por Cuti (2010) é o de que denominar a literatura de pessoas negras do Brasil como "literatura afro-brasileira", traria o sentido de que essa literatura é apenas uma vertente da literatura africana, como visto no trecho a seguir:

Afro-brasileiro” e “afrodescendente” são expressões que induzem a discreto retorno à África, afastamento silencioso do âmbito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero apêndice da literatura africana. Em outras palavras, é como se só à produção de autores brancos coubesse compor a literatura do Brasil. (CUTI, 2010, p. 34).

A partir disso, evidencia-se que perceber a literatura de pessoas negras como uma parte importante de produções literárias do Brasil, dando o devido reconhecimento a autores como Conceição Evaristo, faz com que possamos contrariar essa ideia limitante e excludente de que apenas pessoas brancas devem ocupar o espaço de criação de literatura do país. Esse reconhecimento serve, portanto, como um ato de resistência a um padrão de preconceito e discriminação de pessoas negras, ao mostrar que a sua voz e a sua arte também deve ser validada socialmente.

2.2 A literatura subalterna e Conceição Evaristo

Barossi (2017) elucida a importância do processo de globalização contra-hegemônica como processo de resistência. Esse processo acontece de baixo para cima e nasce das lutas dos movimentos sociais contra a manutenção do capitalismo, que mantém as estruturas de silenciamento histórico. Apesar disso, no campo literário, a autora destaca que a escrita de sujeitos subalternizados não adentram no “Olimpo” reservado à literatura erudita.

Nessa perspectiva, Barossi (2017) ainda traz uma crítica a posições, como a de Antonio Candido (1988), que ressalta que o texto erudito é um direito de todos, sendo essencial à vida. Assim, segundo a autora, todos têm que passar dos “níveis populares” aos “níveis eruditos” como consequência das mudanças de estrutura. Além disso, diz o autor que a literatura apresenta duas dimensões: a primeira, como sendo uma possibilidade de humanização dos sujeitos; e a segunda, como uma ferramenta de denúncia social. Barossi (2017) destaca que foge do escopo de pensadores como Candido uma terceira dimensão, aquela que faz da literatura um instrumento de denúncia e desmascaramento social pelo ponto de vista do próprio subalterno, não somente do ponto de vista do intelectual.

Diante disso, destaca-se a importância da literatura por meio da posição-sujeito – que representa a si mesmo – que pode ser observada pela reflexão de uma mulher negra, em posição de subalternidade, como Conceição Evaristo. Essa autora destaca que, quando escreve, quando cria a sua própria ficção, não se separa de um “corpo mulher-negra em vivência e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta” (Evaristo, 2009 *apud* Machado, 2014).

Historicamente, as mulheres negras são compreendidas como sujeitos que possuem capacidade inata para cuidar e servir, sendo dissociadas da ideia de sujeitos com consciência auto representativa (BISPO E LOPES, 2018). Neste sentido, Barossi (2017) traz à discussão a ideia construída pela indiana Gayatri Spivak, que enfatiza a existência de classes de subalternidade. Essas classes, no entanto, não são monolíticas, existem outras classes intermediárias dentro delas, nas quais estão alocados os sujeitos considerados como “subalternos dos subalternos”, como é o lócus da mulher, em contextos como o da produção colonial, em que as mulheres são colocadas em posições ainda mais profundas de obscuridade, mesmo já alocadas em contextos de subalternidade (Barossi, 2017).

A subalternidade, aqui, é entendida como a condição de sobrevivência em espaços de menor prestígio. Na literatura brasileira, Barossi (2017) destaca o fato de os cânones não

abordarem o sujeito subalterno como autor, mas sempre como personagem. Conforme a autora, “o subalternizado”, termo escolhido pelo fato de o sujeito estar nessa posição subalterna por alocação e não por escolha, não pertence ao cânone pela posição que ocupa. A mesma salienta, ainda, que essa posição é constantemente ratificada, tanto pela escolha de um discurso considerado “neutro” ou apolítico, quanto pela constituição de personagens criados sob o ponto de vista de uma cultura diferente, que Bispo e Lopes (2018, p. 198) denominam de “cânone etnocêntrico”.

Como contrapartida, surgem autores como Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo que rompem com essa cultura de silenciamento. As suas obras, apesar de não terem a valorização que merecem, desafiam os discursos hegemônicos dominantes na sociedade, ilustrando a importância do ponto de vista próprio do sujeito subalternizado. Apesar de Silva (2020) destacar que produções de autores e autoras negras estão em evidência, compreende-se que as mesmas ainda não foram assentadas nos patamares de reconhecimento, tanto no que diz respeito ao meio social, quanto às próprias instituições de ensino.

No tópico a seguir, apresenta-se a vida e a obra de uma dessas autoras: Conceição Evaristo.

2.3 Conceição Evaristo e a noção de escrevivência

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em uma favela na capital de Minas Gerais, Belo Horizonte. Na década de 1970, mudou-se para o Rio de Janeiro para prestar um concurso público de ingresso ao magistério; em 1976, iniciou sua graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e, em 1980, teve sua primeira filha, o que acarretou a interrupção da graduação até 1989. Nos anos de 1990 e 1996, respectivamente, ela publicou seu primeiro poema nos *Cadernos Negros* do grupo Quilombohoje e tornou-se mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, vindo a receber o título de doutora em 2011, em Literatura Comparada, pela Universidade Federal Fluminense. (Machado, 2014).

Autores como Bispo e Lopes (2018) destacam que Conceição Evaristo desafia o discurso dominante que insiste em apresentar uma visão monolítica do mundo e escancara as vozes marginalizadas pelas estruturas de poder. Evaristo assume, em suas obras, uma posição-sujeito que denuncia as barreiras vivenciadas pela população negra, em uma posição de parte dessa população que lhes empresta a sua voz (Remeche e Sippel, 2019).

Ademais, o autor Machado (2014) destaca, das entrevistas que fez com Conceição Evaristo, que, apesar de já compactuar com ideais do movimento negro quando ainda morava em Belo Horizonte, foi somente após chegar à capital fluminense que teve acesso a movimentos de militância política. No Rio de Janeiro, Conceição teve acesso a ações de luta coletiva, como as que realizou no grupo Negrícia: Poesia e Arte de Crioulo na década de 1980. Além disso, conheceu a cultura negra além das barreiras nacionais, tendo acesso às características principais do Movimento Negro contemporâneo, o que proporciona “a criação de uma identidade negra positivada, de sentido político, que faz frente ao racismo dominante” (Machado, 2014, p. 252).

Conceição Evaristo engaja-se na luta antirracista, também, em ambientes institucionalizados, como nas universidades em que realizou sua graduação, mestrado e o doutorado. Conceição denomina a universidade como “um lugar de militância”, que proporciona a legitimação de discursos diferenciados, para que o saber seja difundido não só pela classe privilegiada, mas por todos. (Evaristo, 2013 *apud* Machado, 2014). Durante a vivência universitária, ela desenvolveu a dissertação e a tese com reflexões acerca da cultura afro-brasileira, apesar disso, não é apenas sob esse viés institucional que a escrita de Evaristo é constituída, mas se faz também por meio de suas vivências desde a infância.

Evaristo (2009) diz que trabalhou como doméstica a partir dos oito anos, assim como sua mãe e sua tia, para pessoas influentes, quando residia em Belo Horizonte. Além disso, participava das tarefas de lavar, apanhar e entregar trouxas de roupas nas casas das patroas, levar as crianças vizinhas para a escola e também de trocar horas de serviços domésticos na casa de professoras por aulas particulares. Essa condição fez com que a autora tivesse a percepção não só de si mesma como negra, mas como subalterna (Machado, 2014).

Dessa relação de subalternidade, é que surge sua literatura (Evaristo, 2010 *apud* Machado, 2014). Apesar da condição subalternizada e da pobreza, Evaristo (2005) declara que:

Do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de móveis, de coisas e muitas vezes de alimento e agasalhos, era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos amigos contavam. Eu, menina repetia, intentava. Cresci possuída pela oralidade, pela palavra. [...] Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia (EVARISTO, 2005, p. 201).

Essas experiências vividas são demonstradas em sua escrita, que ela denomina como “escrevivência”. A escrevivência mescla suas vivências, o relato de suas memórias e de seu povo, construídos através de um sujeito coletivo. Segundo Evaristo (2010 *apud* Machado, 2014), a possibilidade de ser escritora rompe com o lugar que normalmente é reservado à

mulher negra, visto que escrever e ser reconhecido como um escritor ou como escritora, é normalmente relacionado à elite como um privilégio.

A escrevivência, mesmo em duas palavras, conforme algumas anotações escritas à mão pela escritora e expostas pelo Itaú Cultural em 2017, são oriundas de diferentes espaços, que compreendem a cidade em que hoje é o seu lar, o Rio de Janeiro; do passado, presente, futuro ou de sua pele-memória:

[...] do cotidiano dessa cidade que me acolhe há mais de 20 anos e das lembranças que ainda guardo de Minas Gerais. Vem dessa pele-memória – História passada, presente e futura que existe em mim. Vem de uma teimosia, quase insana, de uma insistência que nos marca e que não nos deixa perecer, apesar de. Pois entre a dor, a dor e a dor, é ali que reside a esperança (FONSECA, 2020, p. 62).

Com isso, compreende-se que as vivências sobre as quais escreve Conceição Evaristo partem de seu lugar próprio de mulher, negra e pobre, desse lugar que outro sujeito não possui experiência nem profundidade de falar. Além disto, a autora ainda emprega em suas obras uma espécie de “brutalismo poético”, que segundo Duarte (2006), é um recurso caracterizado, através da apropriação do trágico, buscando transformá-lo em belo, a partir da utilização de uma linguagem poética, que interliga elementos linguísticos carregados de dureza e sofrimento e os expõem, de modo leve e harmonioso, convertendo-os em arte adversa.

Ainda sobre a noção de escrevivência destaca-se o poema “Vozes-Mulheres”, que traz três vozes femininas, as quais Remenche e Sippel (2019) dizem que são vozes que fazem parte da história de vida da poeta, pois são qualificadas com o pronome possessivo “minha”. Assim, emergem-se as vozes da bisavó que ecoou nos porões dos navios; da mãe, que ecoou no fundo das cozinhas; a própria voz e a voz da filha que ecoará em liberdade.

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio. [...]
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias [...]
A minha voz ainda
ecoou versos perplexos
com rimas de sangue e fome. [...]
Na voz de minha filha
O eco da vida-liberdade. (EVARISTO 2017).

Assim, observa-se a importância da obra de Conceição Evaristo e de seu conceito de escrevivência. Como a própria autora afirma em depoimento a Nunes (2020), a escrevivência abre espaço para a escrita de mulheres negras, que, em um passado escravocrata, nem detinham o poder sobre suas próprias vozes. Hoje, afirma a autora, a elas pertencem a letra, a

escrita e as suas escrevivências que “não servem para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Nunes, 2020).

3. A memória como fio condutor da narração de Maria Nova

Na obra *Becos da memória*, a escritora Conceição Evaristo, introduz, a partir do olhar e da percepção de uma menina, a triste realidade vivida por moradores de uma favela em processo de desfavelamento. Com personagens fictícios, mas que retratam histórias reais que marcam e foram marcadas pela cor da pele. Essa realidade não é apenas refletida por Maria-Nova, mas também sentida, ao ver o desconsolo de seus parentes e em especial o da matriarca vó Rita e do Tio Totó ao terem que abandonar o lugar que eles transformaram em lar, sucessivamente o berço de suas memórias. Para uns, essa história pode soar distante, para muitos como possibilidade de identificação de pessoas que resistiram e resistem.

Assim, logo nas primeiras páginas, percebemos o quanto a narrativa de Maria-Nova, se constrói, através da memória, que atua como fio condutor da narrativa, sendo edificada com base nas histórias e recordações que chegam até essa personagem, instigados por sua imensa curiosidade e perspicácia, como demonstrado nas passagens a seguir:

Eu me lembro de que ela vivia entre o esconder e o aparecer atrás do portão. [...] Às vezes, adivinhava a metade de sua face. Ficava na espreita, colocava a lata na fila da água ou punha a borracha na tina e permanecia quieta, como quem não quisesse nada. Ela aparecia para olhar o mundo. Ver as pessoas, escutar as vozes. E eu, de olhos abertos, pulava em cima (só os meus olhos) (EVARISTO, 2021, p.15).

Embora seja uma narradora-personagem, em algumas vezes, a voz de Maria-Nova silencia, para sobressair uma outra voz que agora se expressa por ela, ou seja, em momentos temos a voz de Maria-Nova, como narradora, recordando suas próprias memórias e as dos seus, já em outras passagens, nos deparamos com uma voz, em terceira pessoa, que conta sobre Maria-Nova recordando suas lembranças e rememorando sua infância. Os excertos abaixo comprovam o emprego dessas duas vozes, que por vezes parecem se fundir no decorrer da narrativa:

Maria-Nova crescia. Olhava o pôr do sol. Maria-Nova lia. Às vezes, vinha uma aflição, ela chorava, angustiava-se tanto! Queria saber o que era a vida. Queria saber o que havia atrás, dentro, fora de cada barraco, de cada pessoa. Fechava o livro e saía. *Torneira de baixo ou torneira de cima? Hoje estou para o sofrimento. Vou ver Vó Rita. Vou pedir que me leve até a Outra. Posso também ir olhar a ferida que o Magricela tem na perna. Tenho nojo, mas olho. Posso ir assistir à briga de Tonho Sentado e Cumadre Colô. Posso ver Tereza, quem sabe hoje ela dá o ataque? Posso passar devagar, pé ante pé, perto do barraco do Tião Puxa-Faca. Gosto de ouvi-lo afiar a lâmina. Imagino a dor se ele me retalhar a carne. Hoje quero tristeza maior, maior, maior... Hoje quero dormir sentido dor.* (EVARISTO, 2021, p.32).

De modo memorialístico, Maria-Nova nos apresenta sua infância, apoiando-se em elementos pessoais, com os quais ela conviveu, e também sociais e psicológicos advindos das experiências coletivas, que foram vivenciadas pelos seus e que são transmitidas para ela através das histórias contadas, que por vezes ecoam na consciência da menina e assim passam a serem suas, uma vez que ela se sente pertencente a esse grupo. Quanto a esse assunto, Michael Pollak elucida:

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. (1992, p.1)

Neste sentido, passamos a considerar a memória como tudo que é constituído por lembranças que não necessariamente são exclusivas de um só indivíduo, mas que são compartilhadas e, portanto, permeadas de acontecimentos sociais. No desenvolvimento da narrativa, as lembranças passam a instigar e mover as ações de Maria-Nova, fato que é confirmado pela insistência da protagonista em ouvir as histórias do tio Totó, e em especial as do Bondade, o qual possuía uma vasta coleção, composta de histórias felizes e tristes, memórias que por vezes ardiam o coração de tão boas, e que por outras o dilaceravam ao ponto de as lágrimas escorrerem e de fazê-lo temer compartilhá-las com a menina.

No entanto, Maria-Nova tinha avidez em ouvir as histórias, principalmente aquelas mais dolorosas, que retratam o sofrimento e as opressão enfrentadas pelos seus, o que de certo modo servia para moldá-la e aflorar a sua criticidade. Dito de outro modo, as injustiças vivenciadas no passado, que se perpetuam também no presente, a partir do momento em que surge a ordem de despejo dos moradores da favela:

Maria-Nova ouvia a história que Bondade contava e, por mais que quisesse conter a emoção, não conseguia. Ora houve em que ele percebeu e se calou um pouco. Calou-se também com um nó na garganta, pois sabido é que Bondade vivia intensamente cada história que narrava, e Maria-Nova, cada história que escutava. Ambos estão com o peito sangrando. Ele sente remorsos de já ter contado tantas tristezas para Maria-Nova. Mas a menina é do tipo que gosta de pôr o dedo na ferida, não na ferida alheia, mas, naquela que ela traz no peito. (EVARISTO, 2021, p.63)

Em vista disso, conforme vai crescendo, Maria-Nova de modo gradativo, forja a sua personalidade e identidade, através das memórias que são partilhadas, não apenas no contato com as histórias que ouve, mas também por vivenciá-las, no seu dia-a-dia. Dessa forma, esta personagem se torna uma mulher crítica e questionadora em relação às condições impostas aos seus familiares e ao seu grupo étnico-racial de modo geral:

A menina crescia. Crescia violentamente por dentro. Era magra e esguia. Seus ossinhos do ombro ameaçavam furar o vestidinho tão gasto. Maria-Nova estava sendo forjada a ferro e a fogo. A vida não brincava com ela e nem ela brincava com a vida. Ela tão nova e já vivia muita coisa, nada ainda, talvez ela já tivesse definido. Sabia, porém, que aquela dor toda não era só sua. Era impossível carregar anos e anos tudo aquilo sobre os ombros. Sabia de vida acontecendo no silêncio. Sabia que era preciso pôr tudo pra fora, porém como, como? Maria-Nova estava sendo forjada a ferro e a fogo. (EVARISTO, 2021, p.76)

A expressão “sendo forjada a ferro e a fogo” é usada para exemplificar o quão difícil era o contexto no qual a menina estava crescendo, cercada por uma realidade na qual, a maiorias das vezes, seus memorandos eram sempre os que perdiam, e nunca os que ganhavam, os que eram vencidos, mas nunca os vencedores. Além do mais, a própria descrição física do corpo da menina, que agora crescia violentamente, destacando sua magreza, em um vestidinho já tão gasto, também serve para enfatizar a desigualdade que permeia aquele ambiente.

3.1 A ressignificação da favela enquanto lar

A favela constitui um dos espaços no qual a maior parte da narrativa de *Becos da memória* se desenvolve, a qual nos é apresentada, por meio das histórias colhidas por Maria-Nova, relatando a dor e a revolta que atingem seus moradores ao passarem por um processo de desapropriação, que os obriga a abandonar seus lares. Por vezes, percebemos que o modo singular, como a protagonista se apropria das histórias que lhe são contadas ou daquelas que já habitam em sua memória, refletem um cotidiano de opressão e descaso aos quais esses personagens estão expostos.

Todavia, o fato de terem que abandonar suas moradias, mesmo não vivendo nas melhores condições, inquieta e aflige os moradores da favela, pois é naquele ambiente escasso, humilde e por vezes esquecido que estão as histórias de vida compartilhadas, os laços familiares, as relações sociais construídas e de modo inquestionável a memória coletiva daquelas pessoas:

Todos sabiam que a favela não era o paraíso, mas ninguém queria sair. Ali perto estava o trabalho, a sobrevivência de todos. O que faríamos em lugares tão distantes para onde estávamos sendo obrigados a ir? Havia famílias que moravam ali havia anos, meio século até, ou mais (EVARISTO 2021, p. 71).

Embora para muitos a imagem da favela seja concebida numa visão depreciativa, para os personagens de *Becos da memória*, assim como para nossa narradora, esse ambiente é visto como lar, essencialmente pelo sentimento de partilha, que ecoava no coração de todos que compartilhavam, tanto das misérias como das grandezas que existiam naquele lugar. As

gentilezas que ali se notava na maioria das vezes, não estavam ligadas ao dinheiro, mas à empatia, ao acolhimento e à generosidade presentes no coração de cada um e de todos, especialmente no de Vó Rita, caracterizada pelo amor e acolhimento ofertados ao Bondade, que se destaca na narrativa por ser um personagem que surge, não se sabe ao certo de onde, mas que acaba encontrando naquela favela um lugar para chamar de lar, como mostra o trecho abaixo:

Um dia já fazia anos, Bondade chegou ali na favela com um saco de estopa nas costas. Tinha os olhos aflitos e a boca seca de sede e de fome. A primeira porta em que ele bateu foi a de Vó Rita. Passou ali o resto do dia, comeu e dormiu. [...] Nunca mais parou. Todos já tinham em casa o cantinho para o bondade, assim que ele chegasse. (EVARISTO, 2021, p. 36)

Entre os becos que entrelaçam a vida, as vozes e as histórias que Maria-Nova apurava, percebemos, pela perspectiva da menina, que o que torna a despedida de todos mais dolorida é o fato de terem construído ali relações que estavam para além dos laços familiares, afinal existiam vínculos afetivos, edificados de modo coletivo, ao ponto de constituírem comunidade; tal conceito não poderia ter se formado de modo diferente, ao não ser pela união.

O cotidiano na favela também servia para fortalecer o sentimento de comunidade, os momentos de pegar água nas torneiras e ouvir as conversas das lavadeiras, as andanças curiosas de Maria-Nova, os lamentos conhecidos de Tio Totó e a rotina discreta da Outra que morava com Vó Rita. Todavia, apesar de possuir momentos bons e de grandes alegrias, como os que aconteciam nos “festivais de bola” (Evaristo, 2021, p.23), a favela também carregava muitas tristezas e misérias. Misérias essas que se relacionam somente à detenção ou não de recursos materiais, mas sobretudo a questões morais, ancorados no ódio contra o seu semelhante, no egoísmo e na inveja, assim como na invisibilidade que ela parecia ter ao olhos dos governos e das instituições, ou embora, ainda que voltassem sua atenção para aquele ambiente, enxergavam-no apenas como proliferador de doenças, um entrave ao progresso e desenvolvimento social, ou como um espaço que marginaliza os seus habitantes, o que fica notório nas palavras de Zaluar e Alvito (2014):

A favela, vista pelos olhos das instituições e dos governos, é o lugar por excelência da desordem. [...] Ao longo deste século, a favela foi representada como um dos fantasmas prediletos do imaginário urbano: como foco de doenças, gerador de mortais epidemias; como sítio por excelência de malandros e ociosos, negros inimigos do trabalho duro e honesto; como amontoado promíscuo de populações sem moral (ZALUAR; ALVITO, 2004, p. 14, grifo dos autores).

Na medida em que a desapropriação avançava, obrigando a retirada de algumas famílias, a concepção de lar passava a ser desconstruída e o sentimento de perda e tristeza

aflorava no coração de Maria-Nova, ao ver grande parte dos terrenos já desocupados, assim como a queda de alguns barracos, os quais não apenas levavam consigo a história daquelas pessoas, mas também o lugar onde, um dia, as raízes de suas memórias foram constituídas.

Maria-Nova andava pelos terrenos recentemente desocupados com poeira-tristeza-lágrimas nos olhos. No local onde estavam os barracos dos que tinham ido pela manhã, agora só restava um grande vazio. Era como um corpo que aos poucos fosse perdendo os pedaços. Sentiu dores. (EVARISTO, 2021, p.87)

Outro exemplo disso é o que ocorre com Tio Totó, vítima de inúmeros desastres e agora esse último, já num momento de velhice, período em que seu corpo pedia terra e descanso:

Tio Totó andava inconsolável: já velho mudar de novo, num momento em que seu corpo pedia terra. Ele não sairia da favela. Ali seria sua última morada. Ele olhava o mundo com o olhar de despedida. Olhava sua terceira mulher, seus netos órfãos, sua casinha caiada de branco, algumas galinhas e o chiqueiro vazio. (EVARISTO, 2021 p.18).

Os trechos citados acima exemplificam como perder o seu lar significava para esses personagens uma perda de parte daquilo que eles eram, parte da história de vida que construíram, coletivamente. O vazio retratado por Maria-Nova, comparado a um corpo que estava perdendo os pedaços, se dá pela compreensão que a narradora tinha da desvalorização que estava sendo direcionada à vivência de todas aquelas pessoas que dividiram suas histórias com ela, no local em que também era sua casa, o ambiente onde sua personalidade e a sua força foram sendo formadas, pois o processo de desapropriação vinha de pessoas que ignoravam a importância desses laços. Além disso, o personagem Tio Totó compartilha desse mesmo vazio, ao observar a família que formou em sua favela, e sentir o cansaço de ter que mudar de novo de lugar, mesmo depois de tão velho, mesmo depois de perceber que o seu corpo já não tinha mais estruturas para ir morar em um outro local e começar uma vida diferente da que ele já tinha estabelecido com seus familiares.

Até mesmo o título do livro de Conceição Evaristo, *Becos da memória* (2021), remete à importância que o lugar em que os personagens habitavam tinha para a preservação de sua memória, por ser naqueles becos, nas casas e nas ruas daquela favela que a narrativa se desenvolveu, atravessando lembranças e momentos vivenciados e compartilhados por seus moradores. Nesse sentido, percebemos o que foi comentado por Langa, Silva (2015), no texto *A ressignificação de favela em Becos da memória: da favelofobia ao beco-lar*, ao mostrar como o termo "becos" está conectado às recordações que eram trazidas pelos personagens da obra de Evaristo:

A poética expressão utilizada por Conceição Evaristo para denominar seu primeiro trabalho literário - *Becos da Memória* - ambigualmente evoca tanto o espaço como suporte memorial (os "becos" em que se abriga a memória) como a representação desse espaço a partir da evocação memorial - nesse caso de becos, agora afetivamente recriados pela memória. (LANGA; SILVA, 2015, p.81)

À luz dessa discussão, observamos que o espaço em que a narrativa ocorria também fazia parte da memória daqueles personagens, pois os sentimentos deles perante os outros com quem dividiam a comunidade e as coisas materiais que conseguiram durante a vida, estavam todas ali. E em becos das suas mentes, em espaços psicológicos feitos pelo apego a tudo que viveram naquele lugar, se explica o apego ao ambiente em que conheceram as pessoas mais importantes de suas vidas, onde também construíram suas próprias personalidades e histórias individuais em companhia dos outros moradores daquela favela.

Assim, então, Maria-Nova absorveu muito dessas histórias ao ouvi-las, refletindo exatamente como aquele lugar era também uma representação da existência das pessoas com quem ela pôde dividir vivências, e isso pode ser encontrado em *Becos da memória* (2021) no momento em que a narradora diz que escrevia em homenagem à Vó Rita, ao Bondade, ao Tio Totó e a tantos outros que estavam inseridos naquela comunidade. No ápice de contemplação desse sentimento de conexão entre a favela e a memória dos personagens citados, Maria-Nova expõe como se sentia depois de ter sido tocada por tantas trajetórias distintas daquelas pessoas: "Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos da minha favela". (Evaristo, 2021, p.17)

Aqui vemos a comparação da visão que ela tinha do seu povo com a visão que ela tinha de sua favela, que assim como os personagens fizeram sua morada nesse lugar, fizeram também dentro de Maria-Nova, ao se amontoarem, ou seja, ao ficarem juntos em sua memória, guardados em ensinamentos e reflexões que direcionaram, espontaneamente, a narradora, dia após dia.

3.2 A representatividade da escrivência

As vivências se entrelaçam em becos da memória, como se entrelaçam as dores de Maria-Velha, terceira esposa de Tio Totó, e as dores dele. E é por meio das histórias que eles contam, das trocas de experiências e das feridas que trazem em seus peitos, que Maria-Nova cresce, guardando as cicatrizes de toda uma vida do casal, percebendo o sofrimento que as personagens estão submetidas, como no trecho a seguir:

Maria-Velha e Tio Totó ficavam trocando histórias, permutando as pedras da coleção. Maria-Nova, ali quietinha, sentada no caixotinho, vinha crescendo e escutando tudo. As pedras pontiagudas que os dois colecionavam eram expostas a

Maria-Nova, que escolhia as mais dilacerantes e as guardava no fundo do coração (EVARISTO, 2021, p.30).

De certo modo, essas histórias repletas de memórias, fazem com que Maria-Nova perceba a representação de sofrimento do seu povo, de pessoas que em repetidas ocasiões enfrentam empecilhos para sua sobrevivência, como Tio Totó, que mais de uma vez teve que refazer sua vida. Ao ouvir essas narrações, Maria-Nova forma consciência crítica sobre o que é proveniente da má qualidade de vida, da pobreza e da exclusão social. É por captar essas situações sociais de repressão às pessoas negras, às pessoas de sua comunidade, que Maria-Nova adquire o pensamento de necessitar contar aquelas histórias, de não deixar que elas morram ou que sejam apagadas pelo tempo.

Um trecho que exhibe isso, em *Becos da memória*, é quando o narrador revela que Maria-Nova está com um sentimento diferente, uma vontade de colecionar todas as vivências compartilhadas com ela:

Um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente. Não perdia nada. (EVARISTO, 2021, p.31)

Becos da memória se desenvolve, portanto, trazendo justamente uma sequência de histórias que estão conectadas, distintas vivências que compartilham sentimentos parecidos, quase como se fossem um só, e Maria-Nova sente o desejo de poder contar a sua própria história, assim como busca encontrar um lugar onde possa contar as histórias de tantos outros, que a faziam se sentir interessada e profundamente ligada a eles.

Conceição Evaristo, ao explicar sobre o seu processo de conhecimento da escrita, assemelha-se ao que Maria-Nova buscava fazer, colher histórias e aprender a contá-las:

Do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de móveis, de coisas e muitas vezes de alimento e agasalhos, era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos amigos contavam. Eu, menina repetia, intentava. Cresci possuída pela oralidade, pela palavra. [...] Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia (EVARISTO, 2005, p.201).

Enquanto tudo era narrado para Maria-Nova, surgia dentro da personagem a vontade de também contar, assim como todos aqueles ao seu redor contavam para ela. As histórias difíceis pareciam mais atraentes para a atenção de Maria-Nova, que, por empatia, compreendia o sofrimento, refletindo sobre as dificuldades que aquelas pessoas com quem ela convivia enfrentavam. A personagem se propunha sempre a conhecer, a adentrar completamente no mundo do outro, desvendando o alheio e enxergando quem essas pessoas realmente eram, vendo com quantas coisas tiveram que travar batalhas para que sobrevivessem ao cruel da vida. Além disso, as trivialidades também lhe interessavam, o

simples dia a dia daquelas pessoas era importante para a menina que gostava de ouvir e de contar.

Maria-Nova foi construindo sua força de representatividade ao ouvir as pessoas com quem vivia em sua favela: com Vó Rita, com tio Totó, com Bondade, com Maria-Velha e tantos outros. Foi através da escuta, do espaço para ouvir a voz do outro, que a menina foi se tornando crítica, enxergando a miséria e o sofrimento aos quais as personagens estavam expostas em seu contexto de vida, como é possível perceber na passagem que segue:

[...] à medida que Maria-Nova crescia, ela ia intuindo, ia lendo as histórias nos olhos, na expressão linda e triste da mãe. A menina andava ansiosa para que Bondade lhe contasse alguma. Fatos estavam acontecendo, muitas coisas ela percebia, mas só conseguia um melhor entendimento, por meio das narrações que ouvia. Ela precisa ouvir o outro para entender. (EVARISTO, 2021, p.53)

Apesar da intuição que agora já lia o rosto das pessoas com quem ela convivia, captando todos os traços de tristeza, Maria-Nova ainda precisava que a voz daquelas personagens fosse utilizada, ela entendia melhor quando o outro explicava com suas próprias palavras todas as situações complicadas que estavam acontecendo. A menina se interessava por tudo que lhe era contado, por tudo que era dividido com ela pela fala de seus semelhantes.

Após tantas histórias, ao participar de uma aula na escola em que estudava, enquanto a sua comunidade passava pelo processo de desapropriação, Maria-Nova pensa sobre as coisas vividas pelas pessoas negras que ela conhece, entendendo que a aula sobre “A Libertação dos Escravos”, parecia não fazer tanto sentido diante de tantas vidas que ainda são escravizadas pela falta de direitos, pela falta de validação enquanto cidadão. Assim, ancorava-se em sua mente o sentido de cidadania que era vivido pelos seus familiares. E é por pensar nessa história, no agora, nas opressões atuais, que Maria-Nova encontra a forma de guardar as histórias que eram contadas para ela: escrevendo seus próprios textos.

No trecho a seguir, a personagem demonstra seu objetivo de passar para o papel tudo aquilo que foi repassado para ela, todas aquelas vozes que ela acolheu com tanta compaixão:

Maria-Nova olhou novamente a professora e a turma. Era uma história muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto. Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente. (EVARISTO, 2021, p.151)

A partir disso, percebemos a influência das memórias dos moradores do lugar em que Maria-Nova vivia, enquanto principal fio condutor da vontade de escrever da personagem. São essas vivências que levam Maria-Nova à escrita, são essas memórias, tanto individuais

quanto divididas com as outras personagens, que servem como base para a caracterização da personagem Maria-Nova.

A história contada pela professora não é tão importante para Maria-Nova quanto as histórias contadas por aqueles que dividem a mesma realidade que ela, como exemplo do que diz Pollack, sobre essas memórias de pessoas oprimidas socialmente, “que, como parte integrante das culturas minoritários e dominadas, se opõem à “Memória oficial”, no caso da memória nacional” (POLLAK, 1989 p.2).

Maria-Nova aprendeu a questionar a liberdade que é citada por uma história nacional que escolhe negar as tantas consequências de uma história duradoura de racismo, de opressão às pessoas negras, que persistem na atualidade. Sendo assim, *Becos da Memória* se torna um exemplo de construção de resistência, assim como sua personagem principal, mostrando que a representatividade de vivências que contam as suas próprias histórias, proporciona a valorização de vidas que costumam ser silenciadas e descartadas pela sociedade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa estruturou-se com base na literatura contemporânea como ato de resistência ao discutir sobre literatura afro-brasileira e literatura negro-brasileira como suportes para analisarmos o resgate e a construção da memória afro-brasileira na caracterização da personagem Maria-Nova, em *Becos da memória* (2006).

A análise realizada nesse artigo possibilitou compreender traços da memória afro-brasileira, percebida no dia a dia das pessoas negras da favela de Maria-Nova, que com suas vivências fizeram com que a identidade da personagem e narradora fosse forjada e solidificada.

Através do processo de rememorar, Maria-Nova utilizou a representatividade do cotidiano de pessoas que dividem a mesma cor e a mesma história que ela, para construir sua criatividade, desenvolvendo o senso crítico que a instigou a contar a sua própria história. Para perceber a memória em execução no processo de caracterização da narradora-personagem, recolhemos trechos que nos levavam até essas memórias, as quais, pouco a pouco, foram absorvidas e repassadas por Maria-Nova.

Diante do trabalho desenvolvido, é possível perceber que o resgate da memória na obra *Becos da Memória* (2006), de Conceição Evaristo, circunda as particularidades que compõem a narradora ao se tornar consciente das situações de limitação às quais o seu povo é

submetido. A partir de sua própria voz, Maria-Nova fala sobre aqueles que a ensinaram sobre a significação do seu ser, que, apesar de ser individual, se realiza pela coletividade, expandindo conhecimento e crenças pelas lembranças e memórias históricas do povo negro.

5. REFERÊNCIAS

BAROSS, L. (2017). **(Po)éticas da escrevivência**. *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, n.51, 2017, p.22–40. <https://doi.org/10.1590/2316-4018512>

BISPO, E. F. e LOPES, S. A. T (2018) **Escrevivência: perspectiva feminina e afrodescendente na poética de Conceição Evaristo**. *Revista Língua & Literatura*, v. 35, n. 20, p. 186-201, jan./jun. Acessado em julho/2023. <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/viewFile/2598/2436>.

CANDIDO, A. (1988). **Direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.

CUTI, (Luiz Silva). **Literatura-negro brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010. 155 p.

DALCASTAGNÈ, Regina. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004**. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewFile/2123/1687>>. Acesso em: 05 abr. 2011.

_____. **Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais**. *Iberic@l*, 2012, 2, pp.13-18

DUARTE, E. A. **Literatura afro-brasileira: um conceito em construção**. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, p. 11-23.

DUARTE, E. A. **O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo**. *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 2, p. 305-308, 2005.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2021. 200 p.

_____, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017, p. 24-25.

_____, C. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Idéia, 2005.

_____, Conceição. Da grafia-desenho da minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita. Em ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações Performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

_____. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade.** Scripta, Belo Horizonte, n. 25, v. 13, p. 17-31, 2. sem. 2009.

_____, C. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. In: **COLÓQUIO DE ESCRITORAS MINEIRAS**, 1, 2009, Belo Horizonte.

_____. **Por um conceito de literatura afro-brasileira.** Revista Terceira Margem. Rio de Janeiro. nº23, p. 113-138. 2010.

_____, Depoimento. **Entrevista concedida a Bárbara Araújo Machado.** Rio de Janeiro, 30 set. 2010.

_____, Depoimento. **Entrevista concedida a Bárbara Araújo Machado.** Rio de Janeiro, 15 jan. 2013.

FONSECA, M. N. S. Escrivência: sentidos em construção. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 58-73.

FRANÇA, Valéria. **Aventuras na História.** Edição 139, Fevereiro de 2015. p. 28-34.

JESUS, Carolina Maria de (1993). **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** São Paulo: Ática

LANGA, Angela de Fátima; SILVA, Denise Almeida. **A ressignificação de favela em Becos da memória: da favelafobia ao beco-lar.** Literatura em Debate, Frederico Westphalen - RS, v. 9, n. 17, p. 80-95, dez. 2015.

MACHADO, B. A. (2014). **Escre(vivência): a trajetória de Conceição Evaristo.** História Oral, 17 (1), 243–265. **ITAÚ CULTURAL.** Conceição Evaristo - Escrivência. Disponível em: [https:// www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrivencia/](https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrivencia/) Acesso em: 5 jul. 2023.

NUNES, I. R. Sobre o que nos move, sobre a vida In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.) **Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020

PITAS, J. R. **Escrivências de Carolina Maria de Jesus: o enlace entre o conhecimento Histórico e a Literatura Afro-brasileira.** In: Simpósio Nacional de História, 2019, Recife. Simpósio Nacional de História, 2019.

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** Estudos históricos, v.2, n.3. Rio de Janeiro, 1989.

REMENCHE, M. L. R; SIPPEL, J. A **Escrivência de Conceição Evaristo como Reconstrução do tecido da memória brasileira.** Cadernos de Linguagem e Sociedade, v.20, nº2, p.36-51, julho de 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/23381/24574> Acesso em: 07/2023

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade . "Escrevivência: conceito literário de identidade afro-brasileira". In: Constância Lima Duarte; Isabella Rosado Nunes. (Org.). **"Escrevivência: a escrita de nós"**. 1ed. Rio de Janeiro - RJ: MINA Comunicação e Arte; ITAU Social, 2020, v. 1, p. 96-113.

SILVA, A. M S. EscreVivência: itinerário de vidas e de palavras. In: Constância Lima Duarte; Isabella Rosado Nunes. (Org.). **Escrevivência: a escrita de nós reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 133. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, v. 1, p. 114-133

SILVA, E. K. S. da; CARDOSO, S. M. **Conceição Evaristo: da mulher negra à escritora**. Afro-Ásia, Salvador, n. 59, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/22702>. Acesso em: 14 jul. 2023.